



Thays Tye Takahashi entrou em 2004 no curso de Medicina da Unesp, em Botucatu, e está no 6º e último ano. Vai prestar prova para Residência em Psiquiatria e depois planeja fazer um curso de Psicanálise. Aqui ela fala da faculdade e do colégio. Em sua avaliação, o Etapa a preparou para ser “uma cidadã mais atuante”.

► Thays Tye Takahashi

“A visão de mundo que os professores me abriram foi excepcional.”

JC – Desde quando você pensava em Medicina como carreira?

Thays – Quando entrei no 1º ano do colégio, eu já tinha escolhido Medicina. Teve influência da família, de achar que Medicina é uma carreira boa de seguir. Meu tio é pediatra, meu primo é oftalmologista e eu pensava especificamente em Psiquiatria, porque sempre gostei de estudar o comportamento humano. Na verdade, nem era Psiquiatria, era Psicanálise. Tive contato com as obras do Freud pela mídia e pus na cabeça que queria fazer Psicanálise. Havia duas opções para ser psicanalista: cursar Psicologia ou Medicina. Preferi Medicina.

Como você veio estudar no Colégio Etapa?

Como eu tinha decidido fazer Medicina, meus pais queriam um colégio mais forte, que me preparasse para o vestibular. Filhos de amigos deles que estudavam aqui falavam superbem do Etapa. Meus pais acabaram gostando da ideia.

Em termos de estudo, como foi a mudança do colégio para a faculdade?

O Etapa nos dava todo apoio, tinha toda uma estrutura por trás, havia planejamento de estudo. Na faculdade você tem de ser meio autodidata. No começo eu me senti perdida, como todo mundo se sente. Com o tempo você acaba pegando o ritmo.

Quais disciplinas você estudou em cada ano do curso de Medicina da Unesp?

No 1º ano, Anatomia, Embriologia, Histologia, Bioestatística,

Bioquímica, Biofísica. E também Interação Universidade-Serviço-Comunidade, uma disciplina que teve origem em um programa do Departamento de Saúde Pública. Começou como um projeto e virou disciplina. Colocaram na grade.

Como é essa disciplina?

É uma maneira que eles encontraram para os alunos terem contato precocemente com o paciente – mas não como paciente. Um projeto para você ter uma visão mais humana da Medicina. Os 90 alunos do 1º ano eram divididos em grupos e cada grupo atuava num bairro de Botucatu que tivesse posto de saúde, Unidade Básica de Saúde. Íamos conhecer a casa dos pacientes atendidos nos postos para saber quais eram suas condições de vida, a situação do bairro, o saneamento, a criminalidade, o acesso.



Nesta Edição

entrevista	1
Carreira – Medicina.	1
desafio	4
Um por dia(?)	4
conto	5
A sociedade – Antônio de Alcântara Machado	5
artigo	6
Etanol global	6
pois é, poesia	8
Mário de Sá-Carneiro	8

A partir do 2º ano, como era a grade curricular?

No 2º ano teve Fisiologia, Parasitologia, Imunologia, Microbiologia, mais um pouco de Saúde Pública, mais um pouco de Bioestatística. No final do 2º ano, de agosto a dezembro, tivemos Introdução à Semiologia. Começamos a estudar sinais e sintomas comuns a várias doenças. No 3º ano estudamos Neuroanatomia, um semestre inteiro, Farmacologia, Semiologia Pulmonar, Cardíaca, do Trato Gastrointestinal, Semiologia em Neurologia, em Psiquiatria. Teve Psicologia Médica também e Patologia Clínica, que começa no 2º ano mais como uma introdução, no 3º ano abrange cada sistema do corpo e vai até o final do 4º ano.

O 4º ano é o início da segunda metade do curso. O que você estudou a partir daí?

No 4º ano teve aulas teóricas de todas as cirurgias. Você ampliava o contato com os ambulatórios de clínica médica, mas não atendia ainda. Só em Pediatria, começamos a fazer Puericultura. Tínhamos de ver se uma criança saudável, sem nenhuma doença grave, estava se alimentando direito, dormindo direito, crescendo direito, como era a relação dela com a família, com a escola, quais eram seus hábitos de higiene. Depois, no 5º e no 6º ano, o regimento é de internato. Nos dois últimos anos a gente tem mais responsabilidade com os pacientes.

O que muda no internato? Ainda tem aula?

Aula mesmo, raramente. Temos muita discussão. A gente vê um paciente com tal doença, vamos discutir a doença com base no que ele sente. É uma discussão mesmo. A responsabilidade é maior, temos de ver todos os sintomas que ele apresenta, pensar em hipóteses, procurar um tratamento. O professor ou médico contratado só diz se estamos em um caminho bom ou se ele poderia ser melhor. Eles costumam acatar bastante nossa sugestão, mas, quando acham que estamos errados, discutem bastante com a gente.

Vocês dão plantão em hospital?

Desde o início do 5º ano. Tem Hospital das Clínicas em Botucatu. É da Unesp e é referência para a região. Outros hospitais mandam para lá os casos complicados. Por isso, muita gente acha que aluno do 5º e do 6º ano não deveria ficar tão concentrado nesse hospital, e sim os residentes que estão se especializando, enquanto nós ficaríamos em hospitais primários e secundários. Hospitais primários são mais postos de saúde mesmo. Hospitais secundários, existem alguns, os principais são o Hospital Sorocabano e o Hospital de Bauru. No Hospital Sorocabano nós ficamos mais na parte de Ginecologia e Obstetrícia, no Hospital de Bauru ficamos um mês na enfermaria de clínica médica.

Você desenvolveu outras atividades durante o curso?

Eu participei da Liga de Saúde Mental desde o 1º ano. Do 2º para o 3º ano eu fui levando a Liga de Saúde Mental e a Liga do Trauma. Do 4º para o 5º ano fiquei um período curto na Liga da Dor.

Como funcionam as ligas?

As ligas são criadas por grupos de estudantes que gostam de um tema e querem se aprofundar nele. Elas são baseadas no tripé da universidade: ensino, pesquisa e extensão. No fundo, é mais aula mesmo. Às vezes são iguais às que se tem na grade curricular normal, às vezes são mais aprofundadas. Na parte de extensão as ligas participam, por exemplo, da Feira de Saúde, que é tradicional em Botucatu. A gente faz barraquinhas e cada liga fala para os visitantes sobre um tema específico, no sentido de orientação. Algumas ligas têm interesse em colher dados, em saber como a população vê determinada doença, para depois fazer algum trabalho científico e publicar.

Alguma outra atividade, fora aulas e ligas?

No 2º ano eu comecei a participar como colaboradora do jornal do Centro Acadêmico. No 3º e no 4º ano fui vice-diretora do jornal. Acabei descobrindo uma coisa muito boa do jornalismo, que você pode também ajudar as pessoas levando informação a elas. No 5º e no 6º ano voltei a ficar só como colaboradora do jornal. Com o internato, é difícil conciliar tudo.

Ao longo desses seis anos em que você está na Unesp, houve alguma mudança na grade curricular do curso de Medicina?

Eles sempre estão mexendo na grade. Acho isso uma vantagem. Há troca de ideias com a Unicamp, a USP, a Paulista e há comissões que se reúnem pelo menos uma vez por mês para discutir o currículo. A Unesp tem um núcleo de apoio, composto por pedagogos que promovem cursos de reciclagem para os professores, para eles tentarem passar a informação de maneira mais didática. Fazem oficinas e *workshops* para se aprofundarem nisso. A cada disciplina concluída eles passam um questionário para os alunos dizerem o que acharam. Nisso eles baseiam as mudanças. Mas, se a disciplina vai mudar ou não, depende do departamento. O departamento tem o poder de achar que o curso está bom e decidir que não vai mexer em nada.

Então, periodicamente tem mudanças?

Quando eu estava no 3º ano, o internato mudou completamente. Não tive muito contato com a grade antiga, mas o que eu ouço falar é que o internato era muito rígido, tinha coisa que era de especialista. Por exemplo, laboratório vascular seria interessante só para quem iria para a área de Vascular. Para o médico generalista não seria interessante. Modificaram completamente o internato, agrupando-o em cinco grandes áreas, com carga horária semelhante.

O agrupamento em grandes áreas é bom?

A princípio. Mas, por exemplo, Cirurgia é uma das cinco grandes áreas, só que nela tem Cirurgia Torácica, Cirurgia Cardíaca, Urologia, Ortopedia, Cirurgia Geral, Cirurgia Pediátrica. Tem de dividir por todas. Mas, pelo que contam, o internato ficou bem mais voltado para a formação do médico generalista. Depois, para quem quiser se



especializar, tem a Residência. Outra coisa que mudou no currículo: como o 1º e o 2º ano eram pouco estimulantes, com matérias básicas, puxaram para eles um pouco da Medicina que a gente teria nos outros anos.

Qual é sua maior preocupação hoje?

Quero me formar e passar na prova de Residência em Psiquiatria.

Onde você vai prestar a prova de Residência?

Pretendo prestar na própria Unesp, na Paulista, na USP, na Unicamp, no Hospital do Servidor Público Estadual e na Medicina ABC.

Quantas vagas existem para residentes em Psiquiatria?

É variável. Na USP tem 10 vagas, porque o HC de São Paulo é gigante em relação aos outros, na Unesp são 3, na Unicamp acho que são 3 também, na Paulista, se não me engano, são 6 vagas, e no Hospital do Servidor deve ser 1 ou 2.

Normalmente, onde o médico recém-formado trabalha?

Geralmente o recém-formado consegue plantão.

Nos hospitais particulares?

Isso varia. Hospital particular é mais difícil. A visão que eu tenho de fora é que eles tendem a pegar pessoas com um pouco mais de experiência, que tenham um currículo melhor. Hospitais pequenos, pelo menos no interior, pegam recém-formados.

Como você se imagina daqui a 10 anos?

Se tudo der certo, eu me imagino formada em Psiquiatria e trabalhando em consultório, que é com o que mais me identifico.

Você pretende montar consultório na capital ou no interior?

Ainda tenho dúvida. No começo eu não gostava do interior, achava muito parado, mas depois você começa a ver a qualidade de vida que tem lá, muito melhor que aqui. Só que eu gosto da parte cultural de São Paulo e ficaria com saudade. De qualquer forma, depois de me formar em Psiquiatria, eu pretendo fazer o curso de Psicanálise. Você tem de fazer pela Sociedade Brasileira de Psicanálise. Aí você recebe um certificado para atuar como psicanalista. É como se fosse um mestrado, mas dura cinco anos.

Você pretende seguir pelos dois caminhos, Psiquiatria e Psicanálise?

Os dois caminhos. Fazer Psicanálise sem abandonar a Psiquiatria.

O que você diria a quem vai prestar vestibular para Medicina?

Uma coisa que eu queria dizer é que, quando ainda não estava na faculdade, eu via na mídia leiga que a USP é a melhor faculdade, depois a Unicamp e depois a Unesp. Não é assim. Em termos de ensino as três são muito parecidas. Claro que a USP tem mais recursos, mas na parte de recursos humanos há muito equilíbrio. Quem se forma nas três universidades públicas acaba não tendo muita diferença em termos de aprendizado. A gente conversa com os colegas das

outras faculdades, eles têm os mesmos problemas e os mesmos avanços. E ninguém deve ficar preocupado só com a 1ª lista e a lista de espera. A lista da USP pode não rodar muito, mas as das outras faculdades rodam muito.

Como o colégio ajudou você, não só no vestibular, mas também na faculdade?

O colégio dá uma base muito forte para acompanhar a faculdade.

Que matérias ajudaram mais?

A parte de Biologia, com certeza, mas também Matemática e Física. Fazemos muito cálculo no curso de Medicina. Por exemplo, reposição de eletrólitos, em que a gente fala de sal, potássio. Quando a pessoa está com problemas, você tem de fazer cálculos e mais cálculos para ver se chega na concentração chamada MEQ [medidas equivalentes ideais] para voltar a funcionar como era antes. Física é importante para entender não só a parte de oftalmologia, que é mais óbvia por causa das lentes, mas a parte cardíaca, vascular. Parte elétrica para entender impulso elétrico de célula nervosa. A parte de vetor para entender ortopedia.

Quais são suas principais lembranças do tempo de colégio?

Quando eu estava no 3º ou 4º ano de Medicina, o Marcelo Coelho, colunista da *Folha de S. Paulo*, escreveu um artigo falando mal dos colégios que só preparam para o vestibular. O Etapa tem a fama de preparar só para o vestibular e antes eu até achava que era assim. Quando entrei aqui, vi que não era assim, os professores daqui, principalmente os de Humanas – que, aparentemente não seria a parte forte do Etapa, pois muita gente só vê a parte forte do Etapa em Exatas –, foram maravilhosos. A visão de mundo que os professores me abriram foi excepcional. Acho que não iria encontrar igual em nenhum outro colégio. Isso me deu bagagem para encarar a faculdade de uma maneira mais proveitosa. Isso me fez pensar no coletivo, não só no individual. É a maior lembrança que tenho – o Etapa me preparando para ser uma cidadã mais atuante no meio que eu escolhi. Ele me preparou para a vida também.



Jornal do Colégio ETAPA

Editado por Etapa Ensino e Cultura
Redação: Rua Vergueiro, 1 987
CEP 04101-000
Paraíso – São Paulo, SP

Jornalista Responsável
Egle M. Gallian – M.T. – 15343
